

O Mapa de hoje

Roberto Rodrigues¹

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo agronegócio, no segundo semestre, estamos encerrando o ano com a certeza de que 2005 foi positivo para o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O baixo investimento do governo em infraestrutura, logística e defesa sanitária, aliado à queda dos preços dos produtos agrícolas no mercado internacional impactaram negativamente o desempenho do setor. Estima-se que os produtores deixaram de ganhar 250 milhões de dólares, de novembro a dezembro, em função da quebra dos contratos de exportação de carnes, provocados pela ocorrência de focos de febre aftosa nos estados do Mato Grosso do Sul e Paraná.

O Brasil iniciou o ano com 52% de sua área territorial livre de febre aftosa, em 15 estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Acre, Rondônia, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Tocantins, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Paraná e terminou com apenas 4 estados nessa condição: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Acre e Rondônia.

Este é um desafio que o Mapa vem enfrentado com o fortalecimento e modernização da Secretaria de Defesa Agropecuária, mas precisa de apoio de todo o governo federal, dos estados e dos municípios para reverter o quadro e atingir a meta de 60% de área livre de febre aftosa no Brasil, em 2006.

Para cumprir a meta futura, iniciamos algumas ações e outras estão em andamento,

como a atualização da Lei Agrícola 9712/98. Foram realizadas campanhas de educação sanitária, que deverão evoluir para um programa nacional consistente e amplo.

Existem questões fundamentais como a garantia, no momento oportuno, de recursos financeiros para custear o Sistema Defesa Agropecuária, também, para investimentos numa defesa moderna, apta e presente em todo território nacional. Isso implica numa ampliação do quadro de fiscais, na introdução de novos métodos laboratoriais e auditoria, laboratórios em quantidade e equipados, informatização dos postos de fiscalização, fortalecimento dos postos de fronteira e a criação de uma infra-estrutura informacional rápida, confiável para tomada de decisões.

Já na política agrícola, para a safra 2005-2006, fizemos avanços em relação 2003-2004, especialmente no que se refere ao apoio direto à comercialização. Em 2005, R\$ 2,6 bilhões garantiram renda a 100 mil produtores rurais e a previsão para 2006 é de R\$ 2,3 bilhões para atender 90 mil beneficiários.

Utilizou-se mais títulos privados para o financiamento do agronegócio: 4.200 títulos foram registrados. Para 2006, a meta é de 10.800 títulos adicionais, e a subvenção econômica ao prêmio de seguro agrícola foi de R\$ 5,5 milhões. Espera-se que em 2006 atinja R\$ 50 milhões adicionais.

Ainda em 2005, o Mapa ampliou, consideravelmente, seu diálogo com a sociedade. Implantou as câmaras temática e setorial de número 25 e

¹ Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

26 (as de Logística e Infra-Estrutura e a da Cadeia das Oleaginosas e Biodiesel), criando um ambiente capaz de ampliar o conhecimento das demandas, dos desafios, dos problemas e das soluções para o agronegócio.

A visão de desenvolvimento sustentável vem crescendo dentro do ministério e do agronegócio. Foram ampliadas as comissões estaduais de produção orgânica. Investiu-se em capacitação do produtor e no desenvolvimento de vários protocolos de boas práticas e em projetos integrados na área vegetal e animal.

Na geração e adaptação de tecnologias, entre os vários projetos em andamento, o Mapa participou ativamente no mapeamento do genoma do café, avançou no processo de captação e geração de imagens de satélite para a previsão de safras agrícolas e na proteção intelectual e de licenciamento de tecnologias.

Em 2006, o desafio pontual será o de estruturar as Redes de Pesquisa em Agroenergia e implantar a Embrapa Agroenergia, visando criar alternativas tecnológicas para viabilizar a produção

de energia a partir de produtos e resíduos agropecuários.

Atualmente, os cenários apontam que o investimento em tecnologia para o setor é crucial para atender às novas tendências de consumo: alimentos de maior valor nutricional, população idosa em crescimento, avanço da urbanização no Brasil e no mundo, bem como a manutenção de altos índices de crescimento econômico na China e Índia, que provocarão aumentos de demanda por produtos agropecuários.

Cabe lembrar, ainda, que participamos ativamente das negociações internacionais agrícolas multilaterais e bilaterais (OMC, Mercosul, G20), e quando não obtivemos grandes vitórias, retiramos valiosos aprendizados, que têm nos fortalecido para próximas negociações.

Os desafios futuros, tanto no mercado externo quanto no interno, são muitos, complexos e de variáveis proporções, mas nenhum deles insolúvel, ao ponto que o Mapa, no alto dos seus 145 anos, não possa avaliá-los com clareza e traçar rumos para revertê-los.